



A DINÂMICA PERNICIOSA DAS FAKE NEWS¹

COMO O DESEJO CLAMA POR MENTIRAS ODIOSAS NA CIRANDA DE SEDUÇÕES E OFENSAS DAS REDES SOCIAIS

>> EUGÊNIO BUCCI, COM EDIÇÃO DE ANA HELENA RODRIGUES <<

A expressão fake news (notícia fraudulenta) está na moda. Só se fala disso. Programas de televisão aconselham os telespectadores a não embarcar nas fraudes que atulham as redes sociais. Nas escolas, os professores se dizem preocupadíssimos com o assunto e querem organizar seminários, palestras, workshops e por aí vai. Nas campanhas eleitorais da Europa, o clima é de alerta total contra as ameaças das fake news. Nos Estados Unidos, em 2016, elas ajudaram na vitória de Donald Trump. Notícias escalafobéticas como “O papa Francisco apoia Donald Trump” bombaram na rede. Na mesma época, pesquisas confiáveis mostraram que as informações fajutas se espalhavam com mais rapidez que os relatos verazes. A mentira, veja que coisa, dá mais “iboque” que a verdade.

Em seguida, vieram os requintes de cinismo. Uma vez eleito, Trump começou a tripudiar. Numa jogada pérfida, deu de acusar jornalistas, especialmente os do New York Times, de produzirem fake news contra ele. Haja falsidade. Todos sabemos que o que acontece é justamente o oposto: se existe uma reserva de verificação da verdade factual hoje, nos Estados Unidos e em qualquer outra parte do mundo, essa reserva se encontra nas redações profissionais que prezam a credibilidade. Que Trump agora queira posar de vítima das fake news chega a ser um escárnio, pois a

vacina contra as invenções não está na Casa Branca, mas na imprensa.

Esse tipo de embaralhamento mal-intencionado faz escola e angaria seguidores, mesmo que involuntários. Dia desses, no Brasil, o ministro da Justiça, Torquato Jardim, negou ter a intenção de trocar o comando da Polícia Federal e acusou o noticiário de promover a “pós-verdade”. Ora, a expressão “pós-verdade” não designa o conteúdo gerado pelas redações profissionais, mas uma era em que a boataria e as mistificações sem fundamento, fomentadas pelas redes sociais, prevalecem sobre a verdade dos fatos e favorecem os interesses dos que atropelam a democracia para governar. A imprensa, por definição, é vítima, não agente da “pós-verdade” ou das fake news. Quando um ministro da Justiça dá curso a esse tipo de confusão, ajuda, ainda que inadvertidamente, a minar a cultura democrática. Com toda a legitimidade, o ministro tem o direito de apontar erros do jornalismo, mas debitar à imprensa a emergência da “pós-verdade” é um disparate.

Nos Estados Unidos, Trump dá todos os sinais de não suportar que alguém verifique se o que ele está dizendo é verdade ou mentira. Ele não lida bem com os princípios mais elementares da instituição da imprensa.

1. Este texto se baseia em artigos publicados anteriormente na revista Época e no jornal O Estado de S. Paulo.

Diante da simples ideia de que alguém conteste suas afirmações peremptórias, explode numa ira sem limites. Para Trump, os americanos patriotas são aqueles que acreditam nele, somente nele, e não fazem perguntas. Em sua indústria da mistificação, conta com o auxílio cego de assessores inacreditáveis, dedicados a torcer os fatos em favor do chefe. Diante desse despautério, muita gente nas redes sociais se lembra do livro 1984 (1949), do escritor e jornalista inglês George Orwell (1903-1950). Em sua obra-prima, Orwell apresenta um regime tirânico que reescreve o passado, altera as fotografias e falsifica os arquivos históricos apenas para dar coerência ao discurso oficial. Para alguns, não poucos, o nível das mistificações promovidas por Donald Trump e sua corte faz lembrar a distopia de George Orwell.

Além de Orwell, outra personalidade que vem sendo lembrada neste momento grave da democracia americana e das relações internacionais é a filósofa política alemã Hannah Arendt (1906-1995), que escreveu sobre o totalitarismo. De origem judia, ela refletiu com uma clareza cortante sobre o nazismo e mostrou que os regimes totalitários são aqueles em que cada cidadão se converte num agente a serviço da segurança do Estado. O totalitarismo, portanto, é um autoritarismo elevado a uma potência superior. Arendt também mostrou, como ninguém, que tanto no auto-

“A IMPRENSA, POR DEFINIÇÃO, É VÍTIMA, NÃO AGENTE DA “PÓS-VERDADE” OU DAS FAKE NEWS”

ritarismo como no totalitarismo a mentira política é peça indispensável para as técnicas de dominação. Se um líder mente de maneira contumaz e abre fogo contra quem verifica os fatos, está flertando com fantasias totalitárias.

Arendt não supõe que os políticos sejam seres angelicais. Os governantes mentem, às vezes até com boas intenções. Já na Grécia Antiga, Platão, um filósofo que abominava os mentirosos, não deixou de admitir que a mentira faz parte da política: “Se compete a alguém mentir, é aos líderes da cidade, no interesse da própria cidade”. Mas nem Platão, nem Hannah Arendt, nem ninguém com um mínimo de juízo imagina que, na democracia, a atividade política possa abrir mão dos fatos. Qual o tamanho da dívida pública? Quantos trabalhadores não têm emprego? Quantos leitos hospitalares faltam no país? Essas perguntas só podem ser respondidas por fatos. Se os fatos são desprezados, toda a racionalidade do sistema democrático se perde.

E é aí que se estabelece o papel da imprensa. O jornalismo não é indispensável à democracia por ser bom, por ser virtuoso. Ele é indispensável, mesmo quando vicioso e pestilento, porque desorganiza os projetos autoritários. O jornalismo é vital porque atrapalha, não porque ajuda. É por isso que a imprensa é indispensável. Uma de suas funções precípuas é a verificação diária dos fatos. Sem imprensa livre, como a sociedade vai ter parâmetros para saber se o poder está mentindo ou dizendo a verdade?

Aqui chegamos a uma conjunção interessante. A verdade factual, que é “a própria textura do domínio político”, no dizer de Arendt, é também a matéria-prima da imprensa livre. Para que a verdade factual possa imperar, na política e na imprensa, é preciso que a liberdade esteja assegurada. Uma e outra, a política e a imprensa, só prosperam em sociedades democráticas, ou tendentes à democracia, onde a verdade dos fatos é um valor. Se a verdade factual cai em desprestígio ou em desuso, a imprensa perde relevância e a política simplesmente caduca.

À sombra do declínio da política surge uma forma deturpada de religião, um tipo de aglomeração de vontades em que as crenças contam mais do que a razão. As “bolhas” geradas pelos algoritmos das redes sociais jogam um peso enorme nesse descarrilamento. Com razão, as bolhas vêm sendo apontadas como ambientes de não diálogo que apenas celebram “pensamentos únicos”, mistificações e dogmas autoritários, à esquerda e à direita. Os desdobramentos são óbvios. A verificação da verdade factual – o ofício por excelência da imprensa – deixa de ser essencial para os cidadãos, que prescindem de fatos para formar sua opinião. O brilho do extremismo ocupa o lugar da imprensa crítica.

É com a imprensa que a sociedade pode contar para diferenciar o que é fato e o que é mentira. São jornalistas que checam os fatos e conseguem separar a mistificação demagógica dos dados objetivos. Você já sabe disso. Se observar bem, se recapitular com cuidado as mensagens que recebe pelas redes sociais, especialmente no celular, vai se lembrar das incontáveis engambelações que vão e vêm. Quantas vezes você não se deixou iludir por elas? Se puxar pela memória, vai se lembrar, também, de que, na hora de tirar a prova dos nove, de pôr os pingos nos “is”, foram os jornalistas profissionais que entraram em ação.

Mas, mesmo com o trabalho da imprensa, as fake news prosperam e se agigantam. Por que será? Nesse ponto, surgem perguntas não muito agradáveis – vamos enfrentá-las. Se os jornalistas profissionais, dentro de redações independentes e sérias, trabalham para desmontar as fake news, quem é que vem trabalhando a favor delas? Serão apenas os políticos populistas, como Trump? Serão apenas as equipes

“SE UM LÍDER MENTE DE MANEIRA CONTUMAZ E ABRE FOGO CONTRA QUEM VERIFICA OS FATOS, ESTÁ FLERTANDO COM FANTASIAS TOTALITÁRIAS”

clandestinas que forjam notícias inverídicas (ou até caluniosas) e depois ainda ganham dinheiro com as altas audiências que conseguem? Serão só eles os responsáveis? Será que as pessoas comuns, gente como eu e você, não exercem um papel decisivo na hora de espalhar a mentira?

Se ninguém retransmitisse mensagens suspeitas que recebe, as fake news não teriam virado a enfermidade grave que viraram. Isso mesmo. Quem redistribui as calúnias e as infâmias que circulam por aí são pessoas comuns e desavisadas, que trabalham de graça para que alguém, na surdina, ou ganhe dinheiro ou ganhe poder. Os replicadores anônimos de fake news não ganham coisa alguma, são apenas escravos alegres e espevitados, movidos por preconceitos pulsionais (do tipo “eu sabia que esse fulano era um canalha”) e por uma carência afetiva doentia (“os meus amigos vão me aplaudir por essa aqui e vão gostar ainda mais de mim”).

Fique de olho. Antes de tudo, fique de olho no seu próprio comportamento nas redes sociais. Não basta checar a origem das mensagens, embora isso ajude. Não basta conferir se elas foram produzidas por órgãos de imprensa conhecidos e responsáveis. Mais do que isso, é preciso verificar os impulsos que levam cada um de nós a propagar histórias que não sabemos de onde vêm. Não redistribua nada de forma indiscriminada. Nada. Não trabalhe de graça para os falsificadores apócrifos. Não confie neles. Principalmente, não confie nos seus próprios sentimentos de

ódio, de intolerância, de inveja (normalmente disfarçados de indignação cívica e ira metida a santa). Não retransmita o vírus que destrói reputações. <<

Eugênio Bucci é professor doutor da Escola de Comunicações e Artes (ECA) e pesquisador visitante do Instituto de Estudos Avançados (IEA) da Universidade de São Paulo (USP). É colunista do jornal “O Estado de S. Paulo” e do site “Observatório da Imprensa”. Integrou o conselho curador da Fundação Padre Anchieta (TV Cultura de São Paulo) de 2007 a 2010. Autor de livros e ensaios sobre comunicação e jornalismo, foi presidente da Radiobrás entre 2003 e 2007. Como crítico de televisão e de cultura, manteve colunas em jornais na “Folha de S. Paulo” e “Jornal do Brasil” e nas revistas “Veja”, “Nova Escola” e “Sem Fronteiras”. Na Editora Abril, foi diretor de redação de revistas mensais e secretário editorial. Bucci é graduado em Jornalismo e em Direito pela Universidade de São Paulo (USP) e é doutor em Ciências da Comunicação, também pela USP.